

**O LADO BOM DA VIDA**



Matthew Quick

# **O LADO BOM DA VIDA**

tradução de Alexandre Raposo



Copyright © 2008 Matthew Quick

Copyright da tradução © Editora Intrínseca, 2012

Trecho da página 202 retirado de *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, traduzido por Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster, Editora do Autor, 1999.

TÍTULO ORIGINAL  
THE SILVER LININGS PLAYBOOK

PREPARAÇÃO  
Julia Sobral Campos

REVISÃO  
Milena Vargas  
Ana Lucia Gusmão

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q57L Quick, Matthew, 1973-  
O lado bom da vida / Matthew Quick ; tradução de Alexandre Raposo.  
- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.  
256 p. : 23 cm

Tradução de: The silver linings playbook  
ISBN 978-85-8057-277-3

1. Ficção americana. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

12-7572. CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

[2013]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

Para Alicia... *la raison*



## **Um número infinito de dias até meu inevitável reencontro com Nikki**



Não preciso olhar para cima para saber que mamãe está fazendo outra visita surpresa. Suas unhas dos pés estão sempre cor-de-rosa nos meses de verão, e eu reconheço o motivo floral impresso em suas sandálias de couro; ela as comprou na última vez em que me tirou do lugar ruim e me levou ao shopping.

Mais uma vez, mamãe me encontrou de roupão, exercitando-me sozinho no pátio, e eu sorrio por saber que ela vai gritar com o Dr. Timbers, perguntando por que preciso ficar preso aqui se vou ser deixado sozinho o dia inteiro.

— Quantas flexões exatamente você vai fazer, Pat? — pergunta mamãe quando começo a segunda série de cem sem falar com ela.

— Nikki... gosta... de... homens... com... peitoral... forte — respondo, pronunciando uma palavra a cada flexão, saboreando as gotas salgadas de suor que escorrem para dentro de minha boca.

O calor de agosto é forte, ideal para queimar gordura.

Mamãe me observa por cerca de um minuto e, então, ela me choca. Sua voz vacila ao dizer:

— Quer vir para casa comigo hoje?

Paro as flexões, viro o rosto para minha mãe, sou ofuscado pelo sol intenso do meio-dia... e vejo imediatamente que ela está falando sério, porque parece preocupada, como se estivesse cometendo um erro, que é como minha mãe fica quando está falando sério de verdade, em vez de apenas falar sem parar por horas a fio sempre que não está preocupada ou com medo.

— Desde que prometa que não vai procurar Nikki outra vez — acrescenta —, você pode finalmente voltar para casa e morar comigo e com seu pai até lhe arranjarmos um emprego e o instalarmos em um apartamento.

Volto para minhas flexões, mantendo os olhos fixos em uma formiga preta e brilhante escalando uma folha de grama embaixo de meu nariz, mas minha visão periférica captura as gotas de suor que escorrem pelo meu rosto e pingam no chão.

— Pat, só diga que vai voltar para casa comigo, e eu vou cozinhar para você e você poderá visitar seus velhos amigos e finalmente dar continuidade à sua vida. *Por favor.* Eu preciso que você queira isso. Por mim, Pat. *Por favor.*

Flexões duas vezes mais rápido, meu peitoral ardendo, crescendo... dor, calor, suor, mudança.

Não quero ficar no lugar ruim, em que ninguém acredita no lado bom das coisas, no amor ou em finais felizes, e onde todo mundo me diz que Nikki não vai gostar de meu novo corpo, nem vai querer me ver quando acabar o tempo separados. Mas também tenho medo de que as pessoas de minha antiga vida não sejam tão entusiásticas quanto estou tentando ser agora.

Ainda assim preciso me afastar dos médicos deprimentes e das enfermeiras feias — com seus intermináveis comprimidos em copinhos descartáveis — se quiser começar a pensar direito, e já que mamãe será muito mais fácil de enganar do que os profissionais de saúde, eu me levanto e digo:

— Só vou morar com vocês até o fim do tempo separados.

Enquanto mamãe assina os documentos, tomo um último banho em meu quarto e em seguida encho a mochila com roupas e o porta-retratos com a foto de Nikki. Eu me despeço de meu colega de quarto, Jackie, que apenas me olha de sua cama como sempre faz, a baba escorrendo de seu queixo como um fio de mel claro. Pobre Jackie, com seus tufos de cabelo aleatórios, sua cabeça de formato estranho e seu corpo flácido. Que mulher poderia amá-lo?

Ele pisca para mim. Encaro isso como um adeus e boa sorte, então pisco de volta com os dois olhos — o que significa boa sorte em dose dupla para você, Jackie, o que eu acho que ele entende, já que grunhe e bate a cabeça contra o ombro, como sempre faz quando entende o que alguém está tentando lhe dizer.

Meus outros amigos estão na aula de relaxamento musical, à qual não compareço porque o jazz suave me faz ficar muito bravo às vezes. Pensando que talvez eu devesse me despedir dos sujeitos que me protegeram enquanto estive internado, olho pela janela da sala de música e vejo meus colegas sentados como indianos em tapetes roxos de ioga, cotovelos apoiados nos joelhos, palmas das mãos unidas à frente de seus rostos, olhos fechados. Por sorte, o vidro da janela impede que o jazz suave penetre em meus ouvidos. Meus amigos parecem realmente relaxados — em paz —, então decido não interromper a sessão. Odeio despedidas.

Trajando jaleco branco, o Dr. Timbers está esperando por mim quando encontro com minha mãe no saguão, onde se erguem três palmeiras em meio a sofás e poltronas reclináveis, como se o lugar ruim estivesse em Orlando e não em Baltimore.

— Aproveite a vida — diz ele com aquela sua expressão de sobriedade; e aperta minha mão.

— Assim que acabar o tempo separados — digo, e sua expressão fica taciturna, como se eu tivesse dito que ia matar a mulher dele, Natalie, e suas três filhas loiras, Kristen, Jenny e Becky, porque ele não acredita nem um pouco no lado bom da vida, ocupando-se incessantemente em pregar a apatia, a negatividade e o pessimismo.

Mas faço questão de que ele compreenda que não conseguiu me infectar com suas deprimentes filosofias de vida — e que estarei esperando ansiosamente pelo fim do tempo separados. Assim, digo para o Dr. Timbers:

— Vou deitar e rolar.

Isso é exatamente o que Danny, meu único amigo negro no lugar ruim, me disse quealaria para o Dr. Timbers quando saísse. Eu me sinto um pouco culpado por roubar a frase de despedida de Danny, mas funciona. Sei disso porque o Dr. Timbers faz uma careta como se eu tivesse dado um soco na boca do estômago dele.

Enquanto minha mãe dirige, deixando Maryland e atravessando Delaware, passando por todas aquelas lanchonetes e centros comerciais, ela explica que o Dr. Timbers não queria me deixar sair do lugar ruim, mas que, com a ajuda de alguns advogados e do terapeuta de sua amiga — o homem que será o *meu* novo terapeuta —, ela deu início a uma batalha judicial e conseguiu convencer algum juiz de que podia cuidar de mim em casa, então eu lhe agradeço.

Na ponte Delaware Memorial, ela olha para mim e pergunta se eu quero melhorar, dizendo:

— Você quer melhorar, Pat. *Não é?*

Eu concordo com a cabeça e digo:

— Quero.

Então voltamos para Nova Jersey, voando pela 295.

Enquanto descemos a Haddon Avenue em direção ao coração de Collingswood — minha cidade natal —, vejo que a rua principal está diferente. Tantas butikues novas, novos restaurantes caros e estranhos bem-vestidos caminhando pelas calçadas que eu me pergunto se essa é mesmo a minha cidade natal. Começo a me sentir ansioso, respirando com dificuldade, como às vezes me sinto.

Mamãe me pergunta o que eu tenho, e, quando digo, ela volta a prometer que meu novo terapeuta, o Dr. Patel, vai fazer com que eu me sinta normal rapidinho.

Quando chegamos em casa, desço imediatamente até o porão e parece que é Natal. Encontro o banco supino que minha mãe havia me prometido tantas vezes, uma estante com os pesos, a bicicleta ergométrica, os halteres e o Stomach Master 6000, que eu tinha visto na televisão de madrugada e cobiçado durante todo o tempo, não sei quanto, em que estive no lugar ruim.

— Obrigado, obrigado, obrigado! — digo para mamãe, e lhe dou um enorme abraço, erguendo-a e dando um giro no ar.

Quando a ponho no chão, ela sorri e diz:

— Bem-vindo ao lar, Pat.

Começo a malhar com avidez, alternando séries de supinos horizontais, flexões, abdominais no Stomach Master 6000, levantamentos com as pernas, polichinelos, horas na bicicleta, sessões de hidratação (tento beber quinze litros de água por dia, ingerindo séries intermináveis de porções de H<sub>2</sub>O em

copos de doses, para hidratação intensiva), e há também meus escritos, que são em sua maioria anotações diárias como esta, para que Nikki possa ler sobre a minha vida e saber exatamente o que eu andei fazendo desde que começou o tempo separados. (Minha memória começou a falhar no lugar ruim, por causa dos remédios, de modo que comecei a escrever tudo que acontece comigo, registrando o que vou precisar dizer a Nikki quando terminar o tempo separados, para atualizá-la sobre minha vida. Mas os médicos no lugar ruim confiscaram tudo que eu escrevi antes de voltar para casa, então tive que recomeçar.)

Quando finalmente saio do porão, percebo que todas as minhas fotos com Nikki foram retiradas das paredes e do consolo da lareira.

Pergunto à minha mãe onde foram parar as fotos. Ela me diz que nossa casa foi assaltada algumas semanas antes de eu voltar e que as fotos foram roubadas. Pergunto por que um ladrão iria querer fotos minhas com Nikki, e minha mãe diz que sempre coloca suas fotos em porta-retratos muito caros.

— Por que o ladrão não levou o restante das fotos da família? — pergunto.

Mamãe diz que o ladrão roubou *todos* os porta-retratos caros, mas que ela tinha negativos das fotos de família e as substituiu.

— Por que você também não substituiu minhas fotos com Nikki? — pergunto.

Mamãe diz que não tem os negativos daquelas fotos, sobretudo porque foram os pais de Nikki que pagaram as fotos do casamento e só lhe deram cópias das que ela mais gostou. Nikki dera para mamãe as outras fotos de nós dois que não eram do casamento e, bem, no momento não estamos em contato nem com Nikki nem com a família dela porque estamos no tempo separados.

Digo para minha mãe que, se aquele ladrão voltar, vou quebrar as rótulas dele e espancá-lo até ele ficar a um fio da morte, e ela diz:

— Acredito que você faria isso mesmo.

Meu pai e eu não nos falamos nenhuma vez durante a primeira semana que estive em casa, o que não é assim tão surpreendente, visto que ele está sempre trabalhando. Ele é gerente distrital de todos os Big Foods de South Jersey. Quando papai não está trabalhando, ele está em seu escritório, com a porta fechada, lendo ficção histórica, geralmente romances sobre a Guerra

Civil. Mamãe diz que ele precisa de tempo para se acostumar com minha presença em casa outra vez, e eu lhe dou esse tempo de bom grado, principalmente porque de qualquer forma tenho um pouco de medo de falar com ele. Eu me lembro dele gritando comigo na única vez em que me visitou no lugar ruim, e disse coisas terríveis sobre Nikki e sobre o lado bom das coisas em geral. Encontro com papai nos corredores de nossa casa, é claro, mas ele não olha para mim ao passar.

Nikki gosta de ler, e, como ela sempre desejou que eu lesse livros de literatura, começo a fazer isso, principalmente para poder participar daquelas conversas durante o jantar nas quais eu costumava ficar calado — conversas com os amigos literatos de Nikki, todos professores de inglês que acham que sou um bufão iletrado, que é como um dos amigos dela me chama quando eu o provoco por ele ser um homem tão minúsculo. “Ao menos não sou um bufão iletrado”, responde Philip; e Nikki cai na gargalhada.

Minha mãe tem um cartão da biblioteca e pega livros para mim agora que estou em casa e posso ler o que quiser sem ter de passar pela análise do Dr. Timbers, que, por acaso, é um fascista no que diz respeito à censura de livros. Começo com *O grande Gatsby*, que termino em apenas três noites.

A melhor parte é o ensaio introdutório, que afirma que o romance trata principalmente do tempo e do fato de que a pessoa não pode nunca recuperá-lo, que é exatamente como me sinto em relação a meu corpo e a meus exercícios — mas, então, eu também sinto como se houvesse um número infinito de dias até meu inevitável reencontro com Nikki.

Quando li a história propriamente dita — que conta como Gatsby ama Daisy, embora não consiga nunca ficar com ela, por mais que tente —, tive vontade de rasgar o livro ao meio, ligar para Fitzgerald e dizer que o livro dele está todo errado, embora eu saiba que Fitzgerald provavelmente já morreu. Em especial quando Gatsby é baleado mortalmente em sua piscina na primeira vez em que vai nadar naquele verão, Daisy nem mesmo vai ao enterro dele, Nick e Jordan se separam e Daisy acaba com o racista do Tom, cuja necessidade de sexo basicamente mata uma mulher inocente, dá para ver claramente que Fitzgerald nunca se deu o trabalho de olhar para a parte brilhante que há por trás das nuvens ao pôr do sol, porque não há nenhum lado bom no fim daquele livro, vou lhe contar.

Eu *entendo* por que Nikki gosta desse romance, já que é muito bem escrito. Mas o fato de ela gostar do livro também me deixa preocupado agora, pensando que Nikki não deve acreditar muito em finais felizes, porque ela diz que *O grande Gatsby* é o maior romance já escrito por um americano, e no entanto ele termina de modo tão triste. De uma coisa eu tenho certeza: Nikki vai ficar muito orgulhosa quando eu lhe disser que finalmente li seu livro favorito.

Eis outra surpresa: vou ler todos os romances do programa de seu curso de literatura americana, só para ela ficar orgulhosa, para que ela saiba que realmente me interessa pelas coisas que ela ama e que estou fazendo um verdadeiro esforço para salvar nosso casamento, especialmente porque agora poderei conversar com seus sofisticados amigos literatos, dizendo coisas como: “Tenho trinta anos. Tenho cinco anos a mais do que deveria ter para mentir para mim mesmo e chamar isso de honra”, que é o que Nick diz lá para o final do famoso romance de Fitzgerald, mas a frase funciona para mim também, porque eu também tenho trinta anos, de modo que, quando eu disser isso, vou parecer muito inteligente. Provavelmente estaremos conversando durante o jantar, e a citação fará Nikki sorrir e então gargalhar, porque ela ficará muito surpresa por eu realmente ter lido *O grande Gatsby*. Isso faz parte do meu plano, em todo caso, dizer essa frase bem casualmente, quando ela menos estiver esperando que eu “derrame sabedoria” — para usar outra das falas do meu amigo negro Danny.

Meu Deus, mal posso esperar.